



Divulgação

CADERNO G Nova heroína da Disney não tem tempo para o amor *Página 27*

BOM GOURMET Colônia de férias ensina crianças a fazer guloseimas *Página 31*

AUTOMÓVEIS Montadoras vão lançar 50 novos modelos em 2017 *Página 18*

PEC do Teto é insuficiente para conter rombo nas contas em 2017

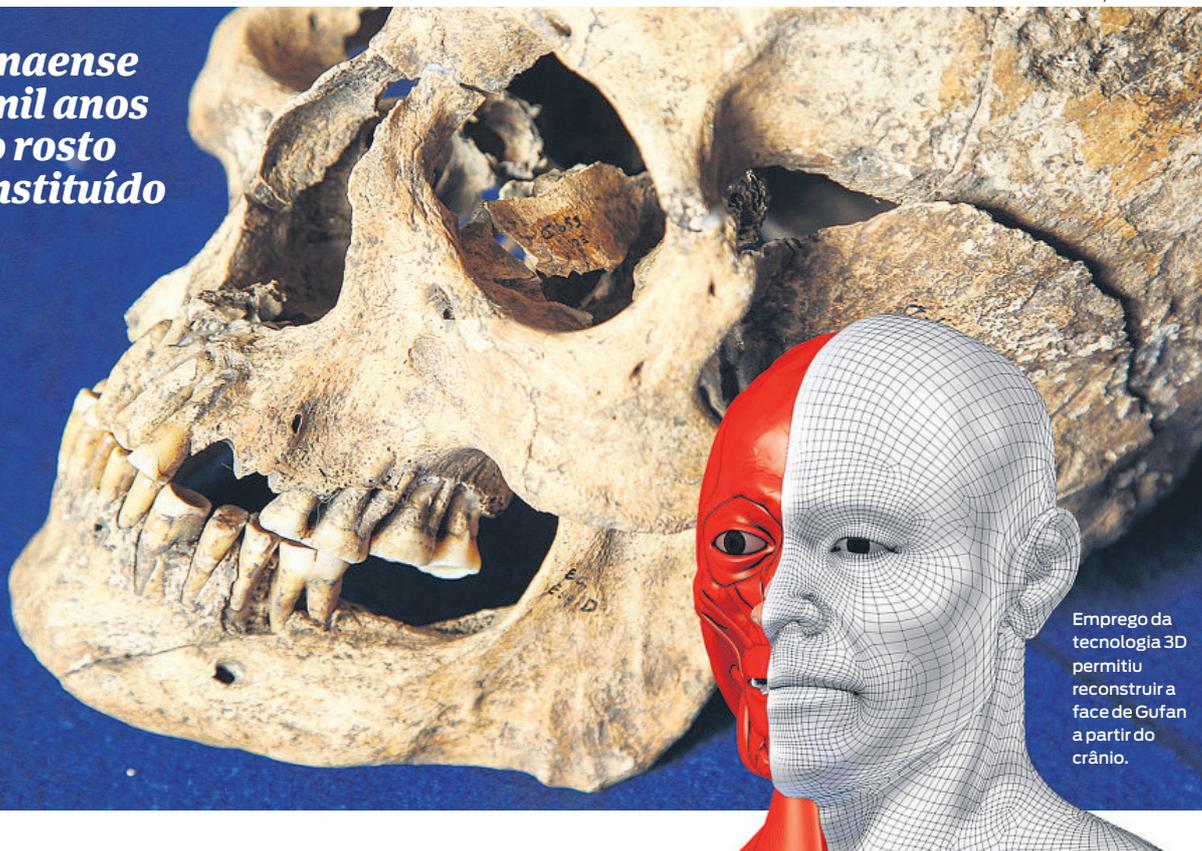
Embora tenha limitado as despesas da União, a PEC do Teto de Gastos, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo presidente Michel Temer, não é garantia de que o governo terá dinheiro suficiente para cobrir os gastos de 2017. O impacto da medida nas contas públicas é esperado a longo prazo. Para fechar as contas

deste ano, cuja previsão é de um rombo de R\$ 139 bilhões, o governo conta com receitas extraordinárias, como repatriação de recursos do exterior, aplicação de autos de infração ou da cobrança de débitos em atraso pela Receita Federal e desonerações fiscais, além de um crescimento inflado da economia. *Página 21*

Daniel Castellano / Gazeta do Povo

Paranaense de 2 mil anos tem o rosto reconstituído

Página 10



Emprego da tecnologia 3D permitiu reconstruir a face de Gufan a partir do crânio.

Denúncia contra Chik Jeitoso cita perfis na internet *Página 6*

Temer quebra silêncio sobre massacre em prisão *Página 7*

Militantes da leitura regem a "Freguesia do Livro" *Página 13*

rosanaf@gazetadopovo.com.br



ROSANA FÉLIX

A Lava Jato pode consertar os presídios?

Diante da gravidade do massacre do presídio em Manaus, a gestão de Michel Temer anunciou a construção de cinco presídios federais. No fimzinho de dezembro já tinha se comprometido em liberar R\$ 1,2 bilhão para modernização dos presídios brasileiros.

A situação é perversa e parece incorrigível. Infelizmente, as prisões brasileiras abrigam apenas uma pequena parte dos criminosos que temos na sociedade e um bom tanto de gente que cometeu crimes irrisórios — gente que, de tão maltratada e sem perspectiva, acaba aderindo a algum grupo criminoso.

Pelo repasse do fim de dezembro, a União vai repassar R\$ 44,7 milhões para cada unidade federativa. Um presídio inaugurado no Ceará em novembro de 2016, com 1.016 vagas,

teve custo de R\$ 40,2 milhões, para se ter uma ideia. Sejam os otimistas e consideremos que os estados consigam erguer as prisões rapidamente, desafogando um pouco o sistema prisional, com aproximadamente 27 mil novas vagas.

Agora, sejamos realistas: diante de um déficit de cerca de 250 mil vagas, conforme o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), de que adiantará os novos presídios? Serão apenas prédios mais novos e bonitos, para que as facções tenham mais conforto no controle do crime organizado?

A tragédia de Manaus evidenciou um antigo problema das prisões. Quem manda ali dentro não é o poder público, mas o bandido. Há exceções, mas o périplo da presidente do CNJ, ministra Cármen Lúcia, por alguns presídios brasileiros mostra que a situação infernal impera.

Abre parênteses: Cármen Lúcia decidiu priorizar a questão carcerária. O antecessor, Ricardo Lewandowski, interrompeu o programa de mutirão carcerário, criado em 2009 para agilizar julga-

O problema não é só falta de vagas em presídios.

mentos. Para ele, o modelo já estava “esgotado” e era preciso pensar em um novo projeto, o “Cidadania nos presídios”. Lançou-o em maio de 2015, mas o piloto só foi implantando no Espírito Santo em fevereiro de 2016. Pelo o que consta no site do CNJ, apenas o Paraná aderiu ao projeto, em setembro de 2016. Enquanto isso, a população carcerária só cresceu. Que poder é esse que detém o ministro que assume o STF, que toma decisões ao seu bel-prazer? Fecha parênteses.

Então, voltando: o problema não é só falta de vagas em presídios. Imaginem um comandante de facção criminosa negociando apoio político para um candidato a governador?

Uma grande reportagem da agência de conteúdo Bang, publicada no ano passado, resgatou a história do Presídio Central de Porto Alegre, um dos que foram visitados por Cármen Lúcia. O texto relata que em 1997 o prédio estava prestes a cair, de tão deteriorado. Se os presos forçassem as grades, elas cederiam. Para evitar um motim, teria havido um acordo com um grupo de presos. Eles se mudaram para um pavilhão só deles, onde os policiais só entrariam com autorização. O acordo evitou tentativas de fugas, mas abriu a porteira para o descontrole da prisão, onde novas facções se organizaram para disputar poder.

A parceria entre bandidos e poder público parece ser a regra. A desembargadora do Tri-

bunal de Justiça de São Paulo Ivana David afirmou ao “Valor Econômico” que alguns estados, como São Paulo, não mandam líderes de facções criminosas para presídios federais. “Porque vai que um líder desses resolve fazer uma delação premiada e acaba expondo a corrupção que existe no estado”, disse.

Então, está aí novamente, a corrupção prejudicando a sociedade brasileira. Não é o repasse extraordinário para construir presídios que vai resolver o problema; vai ser o repasse contínuo de dinheiro, sem risco de contingência para criação de superávits. Não é o número de vagas criadas, mas o combate à corrupção. São investigações, são as delações, ações de transparência no poder público. É o combate ao caixa dois, que é crime grave. É a redução dos gastos da campanha eleitoral. É a ética no poder público.

Operações como a Lava Jato, que expõem todos os corruptos, é que ajudam a resolver o problema carcerário no Brasil. Ainda que elas aumentem o número de presos.

* ARQUEOLOGIA EM 3D

Paranaense de 2 mil anos ganha rosto

Daniel Castellano/Gazeta do Povo

Museu Paranaense vai expor face reconstituída de Gufan, homem que viveu no estado no início da Era Cristã e cuja ossada foi descoberta em 1954

Lucas Gabriel Marins

Especial para a Gazeta do Povo

■ Gufan é um paranaense de 2 mil anos, que vivia aqui por essas bandas manejando plantas e fazendo farofa de pinhão. Até então, os pesquisadores que descobriram sua ossada em 1954 em um sítio arqueológico no município de Prudentópolis, na região central do Paraná, sabiam sua idade aproximada, algumas de suas características físicas e um pouco de seu dia a dia. Agora, graças à modelagem 3D e à realidade virtual, vai ser possível também ver o rosto desse nosso antepassado. E o melhor: com precisão quase milimétrica.

O “quase” é por causa da orelha, conta Cícero Moraes, designer gráfico e um dos responsáveis pelo projeto, desenvolvido por ele e pesquisadores do Museu Paranaense. “Como no crânio só tem um

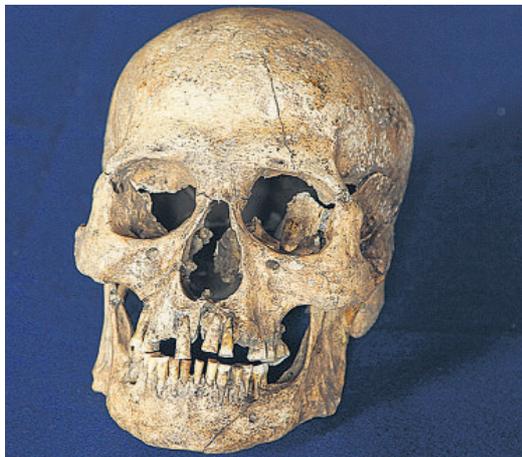


Imagem digitalizada de Gufan será feita a partir de crânio.

SERVIÇO

Exibição da face do paranaense de 2 mil anos

Quando: dia 24 de janeiro (terça-feira). Onde: Museu Paranaense (R. Kellers, 289 – Alto São Francisco, em Curitiba). Quanto: entrada franca.

buraquinho no lugar da orelha, não é possível saber exatamente qual o tamanho dela. Boca, nariz, pele e outras partes do rosto, no entanto, serão reconstruídas conforme a realidade”, diz.

Não foi a primeira vez que

Moraes deu “vida digital” a figuras históricas brasileiras. Em 2014, por exemplo, ele reconstruiu o rosto de Santo Antônio, uma das figuras católicas mais populares do Brasil; e em 2015 o de Madre Paulina, considerada a primeira santa brasileira. “Essa técnica originalmente é usada para reconstrução facial forense. Quando é feita para museus, demora, em média, uma semana”, explica.

Tecnologia

Gufan, que plantava e fazia hidromel — bebida alcoólica produzida a partir da fermentação de água e mel — vai renascer, relata com empol-

gação Claudia Inês Parellada, pesquisadora do Setor de Arqueologia do Museu Paranaense e uma das idealizadoras do projeto. “Estamos revivendo a face desse homem que morreu 2 mil anos atrás. Não é uma máquina do tempo, mas estamos quase lá”, brinca.

Para que Moraes pudesse remontar o rosto do Gufan, Claudia forneceu informações coletadas ao longo de 63 anos de pesquisa arqueológica, como etnia, sexo, faixa etária, ancestralidade e fotografias de vários ângulos. Com a documentação digital em mãos, Moraes utilizou programas que fazem escaneamento 3D de fotografias e uma técnica chamada fotogrametria — que nada mais é do que a obtenção de dados confiáveis a partir de imagens — para remontar a face do rapaz, que morreu quando tinha entre 20 e 30 anos.

Realidade Virtual

Além da história de Gufan e de seus contemporâneos, contada pela pesquisadora, e de uma vitrine com os ossos de Gufan, o público também poderá vê-lo no Museu Paranaense em um ambiente 3D imersivo, “construído” pela empresa curitibana Beenoculos, que fornecerá óculos de realidade virtual capaz de simular três dimensões.

CURIOSIDADE

Antepassado indígena vivia de caça e lavoura

■ Gufan é um ancestral dos Kaingang e dos Xokleng, duas das maiores etnias indígenas que povoaram o Paraná antes da chegada dos europeus no século XVI. Ele e seus contemporâneos eram ceramistas e agricultores, que vieram do planalto central brasileiro. Ancestral da família linguística Jê, ele tinha uma vida pacata. Durante o dia, plantava, coletava vegetais e pescava. Ele também saía pela floresta atrás do mel das abelhas jataí, típica da região brasileira, para fazer hidromel, a cerveja daquela época.

A alimentação era basicamente composta de grãos e vegetais, com pouca proteína animal. A saúde dentária era de qualidade, mesmo sem escovas de dente. “Eles praticamente não tinham cáries”, relata Claudia Inês Parellada, doutora em Arqueologia e pesquisadora do setor de Arqueologia do Museu Paranaense. Seu povo também manejava milho, erva-mate, abóbora e principalmente pinhão. “Muito do aumento do número de pinheiros aqui no Paraná se deve à presença desse povo”, conta.